

OLHOS DE VER, OLHOS DE ENGANAR

MARISA GIANNECCHINI GONÇALVES DE SOUZA *

Guimarães Rosa, em um de seus contos, O Espelho (1985a, p.66), diz que *os próprios olhos, de cada um de nós, padecem viciação de origem*, isto é, fundados numa cultura, vemos o que está diante de nós, filtrando essa realidade a partir da ideologia que nós assumimos como seres que somos.

Esse discurso da modernidade não é gratuito; assenta-se sobre uma tradição que remonta a fontes, identificadas como clássicas, do mundo grego antigo, ponto de partida para se estudar essa *viciação de origem* de que fala G. Rosa. É evidente que não se trata de um meta-texto em relação a um texto-objeto grego específico; melhor seria falarmos de um trabalho de inter-discursividade pois vemos G.Rosa e Sófocles, por exemplo, dialogando, sem que possamos definir o texto base que serviu à recriação rosiana. Há, portanto, discursos que se cruzam, remetendo a uma situação interseccional, o que de partida propõe identidades e diferenças.

Começemos pelas diferenças, mas, para falar delas, é preciso antes apontar as identidades pois a exclusão do que não cabe nestas leva-nos à primeira proposta assumida neste trabalho. Se *os olhos padecem viciação de origem*, vemos o que nos ensinaram a ver, o que permitiram que víssemos. Assim, em G.Rosa, há um manipulador social (ou outra instância de manipulação?) – a exemplo do conto O Espelho – que nos faz sujeitos aparentemente competentes para realizar performances. Um destinador postado acima de nós dirige nossa forma de apreender a realidade, permitindo-nos captar, através de representações, o mundo filtrado pela subjetividade de quem o constrói ou de quem dita a construção. A partir do que vemos, organizamos nossas ações.

* Doutoranda do Programa e Docente do Departamento de Linguística da Faculdade de Ciências e Letras - UNESP - Araraquara.

Para os gregos, os olhos de ver eram também olhos de enganar. Discutindo a questão de se saber se o homem era joguete nas mãos dos deuses ou da Moira cuja vontade definia o destino dos homens (**ate**) ou se o homem era responsável pela sua escolha, mas passível de erro por uma cegueira que não lhe permitia ver à frente, isto é, ver o que era a ordem cósmica (**hamartia**), os gregos deram à segunda um peso considerável, se considerarmos Sófocles como pensador dessa questão em suas tragédias.

Assim, se se considera a **hamartia**, pensa-se teoricamente num homem que, dotado de uma visão aparente, ou melhor, de uma cegueira real, dá curso às suas ações e o tempo faz com que haja um percurso de mudança da fortuna em que o trágico se instala. Passar da ignorância ao conhecimento é descobrir o erro cometido sem poder repará-lo a não ser pela expiação.

Este trabalho, que aproxima Sófocles e Guimarães Rosa, vai analisar as obras *Édipo Rei* e *Antígona* do teatro clássico do século V a.C. e o conto São Marcos de G.Rosa, escritor contemporâneo brasileiro, partindo da **cegueira habitual do homem** e do percurso de seu conhecimento. Trágicos todos eles? Esta análise responderá a essa questão.

I - Em *Édipo-Rei*, tragédia do ciclo tebano, Édipo, depois de decifrar o enigma da Esfinge, casa-se com Jocasta, viúva de Laio, e se torna rei de Tebas. É certo que carrega em seus ombros a reparação de um dano cometido por seus pais, mas até então ele não sabe com precisão quem são seus pais, ou melhor, imagina serem outros que não os seus e, mal interpretando as previsões dos oráculos, foge para não cumpri-las e, **sem o saber**, caminha para realizá-las. **Cego**, ele só vê limitadamente: quando uma peste assola a cidade, ele, movido por Creonte, manda chamar Tirésias, o adivinho, para indicar-lhe caminhos. Édipo tem olhos para ver mas não vê; Tirésias é cego mas suas visões lhe permitem ler anafórica e cataforicamente o curso da história. Forçado por Édipo a dizê-lo, ele lhe diz que a peste assola Tebas, pois o assassino de Laio ainda não fora punido e mais adiante, mais uma vez instado a falar, ele diz a Édipo que o assassino era o rei de Tebas. Édipo não aceita as palavras, vê-as como a preparar um golpe de Tirésias e Creonte, desrespeita a raça dos adivinhos que, segundo ele, só visa a lucros. Na verdade, Édipo, em sua onipotência, não quis acreditar num cego. A favor dele colocou-se Jocasta, **desqualificando os oráculos que nem sempre dizem a verdade**, lembrando que uma vez eles lhe disseram que, se tivesse um filho com Laio, este filho mataria o pai e casaria com a mãe, e que esta profecia não se cumpriu. A tragédia

sofocleana vai mostrar a Édipo sua cegueira: ao descobrir que Laio era seu pai e Jocasta sua mãe, ele fura os próprios olhos dizendo que, se eles de nada valeram, se eles não lhe permitiram ver, não fazia sentido tê-los. O trágico é, na verdade, esta constatação de **impotência** diante do que foi realizado – não é possível voltar atrás, apagar o percurso realizado e fazê-lo a partir de olhos que vejam, de uma luz que prescinde dos órgãos físicos da visão, tal como acontecia com Tirésias, o que vê porque lhe falta concretamente um par de olhos enganosos por princípio.

II - Se Jocasta se mata ao conhecer a verdade, se Édipo fura os olhos e parte para o exílio, não significa que a expiação do crime cometido pelos pais de Édipo tenha chegado ao fim. Etéocle, Polinice, Antígona e Ismena são filhos de Édipo e Jocasta e darão continuidade à maldição que pesa sobre eles pela **hybris** cometida pela mãe Jocasta e Laio, rei de Tebas, antecessor de Édipo.

Começa a peça *Antígona* de Sófocles:

Etéocle e Polinice, mortos numa luta fratricida às portas de Tebas, receberão, segundo Creonte, seu tio e novo soberano de Tebas, tratamento desigual: Etéocle, que lutara pelos interesses tebanos, seria sepultado com honras fúnebres; Polinice, que se casara com a filha do rei de Argos e viera com os argivos combater às portas de Tebas, ficaria insepulto, entregue às aves de rapina. Este ponto de vista sistêmico revela Creonte dotado de uma cegueira: em sua onipotência, estabelece um édito contrário à ordem superior, segundo a qual os vivos circulam, os mortos confinam-se.

Nenhuma ordem humana pode ferir o equilíbrio cósmico que, segundo os gregos, era ditado pelos deuses e, sobre eles, pela **Moira**.

Antígona é a irmã que enxerga de outra forma; há algo dentro dela que lhe diz que seus irmãos não devem ser discriminados. Movidada por um dever fazer, ela não sabe se pode, se os deuses aprovam, mas essa voz interior a impulsiona. Dando sepultura a Polinice, ela é condenada: primeiro à morte, depois ao emparedamento. Tirésias, mais uma vez, vem à cena ler para Creonte a vontade dos deuses. O **tirano** demora a libertar Antígona e, quando chega ao sepulcro, ela já dera fim à sua vida. A sanção final revela um Creonte consciente dos erros cometidos, tragicamente dotado de visão mas num momento em que, vendo morto o filho, não *há outros campos para lavar* (v.569), fechando-se a continuidade de sua descendência.

Édipo e Creonte, envolvidos na expiação da culpa inicial de Laio-Jocasta, não deixaram de se mover por uma cegueira: a ignorância e a onipotência fecharam-lhes os olhos. Antígona, realizando sua performance compatível com o plano dos deuses, morre dignamente pois a ela não faltaram os olhos, esses mesmos olhos que deram a Tirésias a certeza de que Édipo e Creonte andavam por descaminhos e se perderiam se continuassem movidos por essa cegueira que é própria dos humanos.

III - (A) - Chegamos a São Marcos de G.Rosa em que um narrador, contando-nos uma viagem, na verdade revela o percurso de iniciação que leva um indivíduo de um **não saber a um saber**, da ignorância ao conhecimento. Não faltam ao texto peripécias, mas, se esses traços definem o texto rosiano e o aproximam da tragédia clássica, esses mesmos elementos servem para diferenciá-lo pelas especificidades que contém. É a categoria do tempo que dará conta das diferenças, da forma de tratá-lo, pois, se o final da tragédia mostra o irreversível, nela não havendo mais tempo para mudanças, em São Marcos o narrador do discurso, vivendo um tempo posterior, quando faz o relato da fábula, prova que nada se fechou definitivamente nesta, embora houvesse o perigo dessa catástrofe. Tempo ao tempo, o trabalho nos levará a essa constatação.

(B) - No início do conto o narrador inicia seu discurso dizendo que naquele tempo ... *morava em Calango-Frito e não acreditava em feiticeiros* (p.241). Percebe-se que ele aceita várias credices, dá peso a elas, mas não crê em feiticeiros. Melhor dizendo, aceita as credices pois nelas qualquer sujeito pode tornar-se sujeito do fazer, enquanto a feitiçaria tem um mediador que recebe tal **poder e saber** de um destinador superior e se faz um sujeito operador de uma performance, capaz de manipular o homem do senso comum para realizar seu percurso narrativo. O narrador **não aceita mediadores**, ri-se *dessa gente toda de mau milagre* (p.242), o que já revela um traço de onipotência: Édipo em *Édipo Rei* e Creonte em *Antígona*, como também o narrador em São Marcos, não crêem em adivinhos e feiticeiros pois, segundo eles, não têm qualificação, não devem ser considerados.

O narrador-personagem do conto em análise é avisado do perigo de não se respeitar tais poderes. Sá Nhá Rita Preta, cozinheira, diz-lhe que ele pode não aceitar, *mas, abusar, não deve-de!* (p.242), o que não o modifica porque, ouvindo suas histórias, ele continua a abusar:

E eu abusava, todos os domingos, porque, para ir domingo no mato das três Águas, o melhor atalho renteava o terreirinho de frente da cafua do Mangolô, de quem eu zombava já por prática. Com isso eu crescia, mais mandando, e o preto até que se ria, acho que achando mesmo graça em mim (p.242).

A mesma empregada pedia-lhe que *não enjerizasse o Mangolô* (p.243), negro feiticeiro daquelas bandas, mas para o narrador-personagem isso era bobagem, pois *no céu e na terra a manhã era espaçosa* (p.243), o que significa que para João ou José, nomes do narrador, não havia enigmas a decifrar, isto é, seus olhos realmente apreendiam a realidade, sem nada haver de implícito ou subentendido. Na viagem que se iniciava naquela manhã, a exemplo de outras, bastava o homem e seus olhos de ver.

E essa mesma atitude – onipotência no poder de conhecer – se repete diante dos outros signos que ele não crê necessário decodificar: a frase dita –*Güenta o relance, Izé* (p.245) e a proximidade de um outro Zé, Zé Prequeté, em cima de um cavalo que o joga ao chão, não são sígnicos para o narrador do conto, sua decifração poderia dar-lhe a consciência de que nem sempre é possível manter-se sobre o cavalo, equilibrar-se, pois para todos os Zés a condição humana é a mesma. Exatamente por isso, passar pela cafua do Mangolô permitia-lhe zombar do negro e, ao se encontrar com Aurísio Manquitola, reforçar seu descaso pelo feiticeiro, contrariamente ao interlocutor que, vindo da **missa**, nem por isso abusava do poder reconhecido do negro. O narrador zomba da oração de São Marcos, o que provoca uma reação forte em Aurísio, aconselhando-o a não continuar a oração pois *é melhor esquecer as palavras...* (p.247). Aurísio Manquitola conta casos como o do Tião Tranjão que, induzido por Gestal da Gaita, ao proferir a oração de São Marcos, modificou o curso de sua história, foi capaz de inverter a ordem presumível dos fatos. Sozinho não; manipulado por Gestal da Gaita, que lhe dá o objeto mágico – a oração de São Marcos. Mas é preciso não ser onipotente e aceitar o mediador, seu saber maior, reconhecer nele um **iniciado** a preparar o caminho do neófito. É preciso respeitar **as palavras**, esquecê-las, se for para usá-las indevidamente.

(C) - Entrando mata adentro, o narrador do conto São Marcos revela um saber importante – **os seres valem pelos nomes**, pois estes recuperam aqueles. As palavras têm maior peso se forem pouco vistas e ouvidas, mas o melhor seria se jamais tivessem sido ouvidas. Poder das palavras? Sim, as palavras com que se nomeiam os seres devem ser

compatíveis com a grandeza do referente e o mundo vale por sua escritura, por sua representação signíca.

Os bambus pedem, como a folha em branco, o autógrafo do narrador, mas não são a folha de um só: **Quem será**, autor também, descobrira que os grandes colmos são também lugar de poesia.

Dissemos que, para o narrador, as palavras têm poder, mas poder para quê? É este poder maior, poder mágico que elas têm, meio de traduzir o incognoscível, poder vindo de um destinador de uma outra instância, para o homem o que ainda João ou Zé não percebeu.

À beira da lagoa, em meio à natureza, quando o protagonista pára para descansar e está mergulhado em **Paz**, um imprevisto, uma peripécia faz mudar a situação: uma cegueira se instala no narrador, capaz de fazê-lo impotente para a visão:

E pois, foi aí que a coisa se deu, e foi de repente: como uma pancada preta, vertiginosa, mas batendo de grau em grau – um ponto, um grão, um besouro, um anu, um urubu, um golpe de noite... E escureceu tudo (p.261).

Inicialmente, pensando se tratar de *um eclipse totalitário, cataclismos, fim do mundo*, (p.261), a personagem central do conto São Marcos foi descobrindo que a cegueira era só dela, pois a mata continuava **viva, dinâmica, cheia de energia**. Nesse momento ela sente que a **tragédia** lhe era particular, isto é, uma catástrofe se instalara, por ordem de Outrem que ela não conhecia, em cuja força não acreditava, portanto nem chegava a nomeá-lo, não assumindo o protagonista sua impotência. Longe de se mostrar uma figura patética, ele tenta organizar a reversão da situação em que está, com o poder de que é dotado, como homem intelectualizado, racional:

Primeiro a possibilidade do transitório (*Mas quem disse que não seja coisa passageira...?*, p.262) e da ajuda de Santa Luzia, mas logo descarta essa possibilidade, diante da constatação de que está sem saída:

Estou mesmo é envolvido e acuado pela má treva, por uma escuridão de transmundo, e sem atinar com que fazer (p.262).

A segunda atitude é *Esperar um pouco, sem nervoso, que para tudo há solução*. (p.262). A terceira é um chamado: *Uma Ordem. Enérgica e*

aliada, profunda, aconselhando resistência: – Güenta o relance, Izé (p.263). A quarta é a certeza de que, se ele *não voltar a casa a hora normal* (p.263), virá gente a sua procura. É questão de tempo e paciência.

Essa crença do narrador de que ele tem poder de definir o caminho de volta, mesmo sem os olhos, pois os outros sentidos aguçados lhe fazem a leitura do lugar, dá-lhe forças para interpretar o espaço em que está, certo de que sozinho superará os obstáculos:

Vamos! E por que não? Eu conheço o meu mato, não conheço? Seus pontos, seus troncos, cantos e recantos, e suas benditas árvores todas – como as palmas das minhas mãos. A ele vim por querer, é certo, mas agora vou precisar dos meus direitos, para defender o harato, e posso falar fala cheia, fora de devaneios, evasões, lembranças. Mesmo sem os olhos. Vamos! (p.264).

Guiando-se pelo instinto, tateando aqui, ouvindo acolá, sentindo o odor do mato, ele decifra os signos que se postam à sua frente. Este saber dado pela cultura permite-lhe reconhecer os elementos da mata, mas isto ainda é pouco. É pouco porque, ao invés de sair da mata, o que aconteceu foi chegar ao ponto extremo de suas tentativas de penetração: procurando sair, ele fez o caminho em direção oposta, chegando ao limite entre o conhecido e o desconhecido:

Ferido, moído, contuso de pancadas e picado de espinhos, aqui estou, ainda mais longe do meu destino, mais desamparado do que nunca (p.266).

Nesse momento de angústia e iminência do choro – traços do patético – chegam vozes: o brado do companheiro – *Güenta o relance, Izé...* (p.267) e, não sabendo *por que artes e partes* (p.267), a voz de Aurísio Manquitola: – *Tesconjuro! Tesconjuro! ...* (p.267).

E sem saber por quê, o narrador começa a rezar a oração de São Marcos. Movido por uma força incontrolável, ela o leva para fora do mato a caminho da casa do Mangolô. Fora ele quem fizera um trabalho para cegar o protagonista pois, se este não gostava de vê-lo, essa era a chance de passar um tempo de olhos fechados sem precisar tê-lo diante de si. Como era questão de tempo, o narrador já enxergava então. Dando dinheiro ao negro, isto é, comprando um fim de briga, João ou José sente como é bom ver.

O conto termina com **mato e campo concolores**, cujo cromatismo visível nos dá a recuperação do narrador, agora dotado não só da **visão** mas de outra ordem de saber segundo a qual só os sentidos e a **razão** não bastam.

IV - Há, portanto, identidades entre *Édipo-Rei* e *Antígona* de Sófocles e São Marcos de Guimarães Rosa:

– a presença infusa de um destinador mítico: Édipo, Creonte, João ou Zé agem num plano, sem que se possa perder de vista um destinador acima deles;

– a **viagem** é o percurso da vida humana de que não fogem as personagens em questão;

– o plano transcendental revela-se ao homem através de sinais: oráculos, profecias indicam caminhos, mas estes **mediadores** que lêem primeiro a ordem mítica, ao oferecer o objeto mágico ao homem do senso comum, nem sempre são aceitos, a exemplo de Édipo, Creonte e do narrador de São Marcos, que não aceitam uma leitura diferente da sua. Há, portanto, personagens extraordinárias e personagens comuns;

– as personagens comuns são as que ainda não crêem na força das palavras dos que vêm nelas um poder mágico. São reis, intelectuais que, usando a palavra, dominam o sistema, mas vão levar tempo para entender que, com ela, podem se iniciar em outros caminhos;

– a onipotência deixa cego o que tem olhos, o que acredita que vê claramente, que sabe ler o mundo à frente e que **sozinho**, dotado de sua razão, vence todas as provas;

– o percurso do conhecimento é comum às personagens clássicas e rosiana, objeto deste trabalho. A constatação de que andaram **cegos** pelos caminhos leva Édipo a furar os olhos, Creonte a assistir à sua queda, clamando para levá-lo ao exílio; ao Narrador do conto rosiano a rezar a oração de São Marcos, valendo-se de uma força que ele não reconhecia até então, num momento de extrema cegueira visual;

– a oposição entre o que é ver com os olhos físicos e o que é ver quando a cegueira destes acaba oferecendo um mergulho no mundo interno em busca das forças primordiais. É preciso ser cego para enxergar, segundo uma concepção clássica;

– a reintegração do homem à natureza, natural ou miticamente. A reparação do dano e a expiação da culpa são uma forma de se voltar ao

equilíbrio, de equacionar o mundo humano sem ferir a ordem mítica. A expiação da culpa é a forma de se harmonizar com a ordem cósmica superior.

V - Falemos agora das diferenças:

Édipo-Rei e *Antígona* de Sófocles são modelos acabados de tragédia grega a que não faltam mudanças de fortuna. Quando o texto se encerra, não há saída para os que sobrevivem: Édipo parte para o exílio, Creonte sonha com uma mudança espacial, pois ali, em Tebas, em momentos diferentes, os reis perderam seu poder, o que ainda não dá conta das perdas cruciais, cuja constatação os leva à condição de impotência – nada há a fazer que possa mudar a catástrofe. Pesa sobre eles uma história em que as palavras não assumidas os levaram à perda, pois os avisos do adivinho Tirésias não foram atendidos a tempo.

Em São Marcos, o narrador se salva. Vivendo a mesma cegueira das personagens gregas, a situação trágica pretendeu se instalar mas, salvo pelas palavras, ele teve tempo de repeti-las, sem ao menos saber por quê. Repetiu-as e salvou-se. Talvez como **poeta** ele tenha sabido ouvir melhor ou mais cedo as vozes que lhe chegavam, repetir o texto que não era dele, e, movido pelo **encanto das palavras**, ao repeti-las, salvar-se. Houve apenas um momento trágico, não definitivo, capaz de tornar transitório o que para o grego tinha o peso do permanente.

Se a condição humana é igual para todos os seres, os três textos nos dizem que ela carrega o peso de uma cegueira que faz o homem errar, não voluntariamente, mas por desconhecimento das razões que movem o mundo mítico. Na busca das formas primordiais humanas, o **poeta** seria o homem dotado de visão, mas cego que, em dado momento – vendo-se cego – vê a luz, porque suas palavras, enquanto poesia, recriam a linguagem do mundo primordial. Deixa de ser trágico João ou Zé porque, ao usar as palavras, pôde intervir no mundo dos acontecimentos, porque criou uma ordem compatível com o universo do sagrado, a tempo de impedir que a cegueira o levasse ao abismo. Daí o privilégio de ser **poeta**, em Minas, maior do que ser rei na Tebas antiga.

Salva-se o poeta que um dia, descobrindo o poder mágico das palavras, teceu o feliz encontro da **poesia e do mito**.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ROSA, J. G. O espelho. In: _____. *Primeiras estórias*. 13. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1985a. p. 65.
- ROSA, J. G. São Marcos. In: _____. *Sagarana*. 31. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985b. p.239.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ARISTÓTELES. *Arte retórica e arte poética*. Trad. Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo: Difel, 1964.
- GARBUGLIO, J. C. Um salto no oco do sertão. *Almanaque. Cadernos de Literatura*, São Paulo, n. 7, 1975.
- MIYAZAKI, T. Y. A antecipação e a sua significação simbólica em São Marcos de Guimarães Rosa. In: D'ONÓFRIO, S. *Conto brasileiro, quatro leituras*. Petrópolis: Vozes, 1979.
- SÓFOCLES. *Antígona*. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1984.
- SÓFOCLES. *Rei Édipo*. trad. Maria do Céu Zambujo Fialho. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1979.